

EDUCAÇÃO DOS SURDOS NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

EDUCATION OF THE DEAF IN THE SOCIOCULTURAL PERSPECTIVE

Ana Sara Castaman

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul)

Fernanda Santana Strelin

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul)

Lidiéli Portiliotti

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul)

Resumo: O presente texto trata da Educação dos Surdos e tem por objetivo conhecer conceitos sobre a cultura Surda, de modo a compreender, a partir das leituras de Vygotsky e de seus comentadores, as contribuições para pensar o Surdo e a sua educação. Para tanto, pauta-se metodologicamente na técnica bibliográfica, a partir das obras de Vygotsky e comentadores. Está estruturado em cinco partes: a) traça os caminhos metodológicos; b) apresenta uma abordagem conceitual da cultura Surda; c) realiza um retrospecto da Educação do Surdo no Brasil e mundo; d) discute as contribuições da teoria sociocultural para pensar o Surdo e a sua educação; e) trata das considerações finais. Consta-se que a Libras é uma das principais formas de mediação e compreensão do/com o meio, promulgando assim o crescimento cognitivo e afetivo, a otimização das relações interpessoais e a constituição da identidade e cultura Surda.

Palavras-chave: Surdos. Educação. Teoria Sociocultural.

Abstract: This text deals with the Education of the Deaf and aims to understand concepts about deaf culture, in order to understand, from the readings of Vygotsky and his commentators, the contributions to think about deafness and its education. To do so, it is based on the bibliographic technique methodologically, based on the works of Vygotsky and commentators. It is structured in five parts: a) outlines the methodological paths; b) presents a conceptual approach to Deaf culture; c) performs a retrospective of Deaf Education in Brazil and the world; d) discusses the contributions of socio-cultural theory to think about deaf and its education; e) deals with final considerations. It appears that Libras is one of the main forms of mediation and understanding of /with the environment, thus enacting cognitive and affective growth, the optimization of interpersonal relationships and the constitution of Deaf identity and culture.

Keywords: Deaf. Education. Sociocultural Theory.

Introdução

A história da luta da comunidade Surda¹ é inquietante, extensa e permeada de significados, especialmente, no que concerne à construção de uma identidade própria e

¹ Admite-se o termo Surdo “com S maiúsculo” marcando a visão pessoal das autoras, de respeito e reconhecimento da identidade constituída pelos sujeitos Surdos, seus valores linguísticos e sociais, e, especialmente, de todo o processo histórico e cultural que os envolve, assim como Castro Júnior (2015).

contrariedade aos preceitos de muitos profissionais da saúde que assumem a surdez apenas como uma doença. Lopes (2007) infere a surdez enquanto uma invenção:

A invenção da surdez como diferença primordial ganha status de verdade e de realidade quando começa a ser produzida nas narrativas surdas a partir de um entendimento que não é aquele marcado pelas práticas clínicas ou pela diferenciação entre deficientes e não-deficientes. A surdez é entendida como uma invenção quando a vemos como um traço/marca sobre o qual a diferença se estabelece produzindo parte de uma identidade; quando a usamos para nos referirmos àquilo que não sou; quando ela é que mobiliza a formação de políticas de acessibilidade; quando ela começa a circular em diferentes grupos como uma bandeira de luta pelo reconhecimento daquele que se aproxima, antes de qualquer outra razão, porque compartilha de uma experiência comum (ser surdo) (Lopes, 2007, p. 17).

O caminho foi longo e se fortaleceu nos movimentos Surdos organizados e nos discursos acadêmicos nacionais ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)² e à conquista de direitos dos Surdos³ e da sua comunidade. A Libras teve sua denominação estabelecida em assembleia, convocada pela Federação Nacional de Integração e Educação do Surdo (FENEIS), em outubro de 1993, sendo, em seguida, adotada pelo *World Federation of the Deaf* (WFD), pelo Ministério de Educação (MEC) e por pesquisadores, educadores e especialistas no Brasil (CASTRO JÚNIOR, 2015). Machado (2002) enfatiza que, por meio da Libras, o Surdo tem a possibilidade de elaborar conhecimentos tão organizados quanto os ouvintes.

A Libras permite a Educação dos Surdos⁴. Porém, durante anos o foco desta Educação estava na adequação do mesmo para a sociedade ouvinte, isto quer dizer, o Surdo deveria aprender o idioma oralizado e a leitura labial, negando totalmente a sua cultura. Salienta-se que “Os Surdos organizam-se politicamente, convivem com ouvintes e com outros surdos, produzindo uma cultura surda” (CASTRO JÚNIOR, 2015, p. 15). Por cultura Surda compreende-se a experiência visual em que os sujeitos Surdos percebem o mundo de maneira

² A própria Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas Surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

³ A terminologia deficiência auditiva remete à perda auditiva, enquanto que a pessoa Surda, ao mesmo tempo em que faz referência a essa mesma perda, indica também um novo elemento: a compreensão e interação com o mundo a partir de experiências visuais (BRASIL, 2005).

⁴ Destaca-se que não se pretende discutir sobre a Educação dos Surdos em uma modalidade educacional específica, mas abarcar uma reflexão sobre o tema.

diferente (STROBEL, 2013). A experiência Surda ancora-se na sensibilidade visual e nas vibrações do corpo para compreender o mundo da vida e os cientistas confirmaram o motivo de os Surdos terem maior visão periférica pelo site da Veja (2016). Assim, a cultura Surda constrói identidade própria, principalmente, a partir da língua de sinais, que é um idioma visual, de gramática própria e igual nível linguístico.

Essa discussão da Educação do Surdo e do *modus operandi* da construção de suas aprendizagens tornou-se relevo, no Brasil, no ano de 2017, quando, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) teve, como tema de redação os “Desafios para a formação educacional de Surdos no Brasil”. Este fato repercutiu de forma fervorosa⁵ a luta da comunidade Surda e escancarou as negligências sofridas pelos mesmos. A temática “forçou” uma população inteira a refletir a respeito do lugar do Surdo no social, e mais importante ainda, como se olha para estes sujeitos. Pensar a Educação do Surdo, parte da compreensão que este tem sua própria linguagem, e cabe aos ouvintes também, aprendê-la, já que a primeira língua que o Surdo aprende é a Libras.

Uma das tendências do processo de ensino e aprendizagem que se ocupa com o estudo da Educação dos Surdos é a sociocultural, que tem como principal expoente Lev Semionovich Vygotsky⁶ (1896-1934). Diante do exposto, problematiza-se: Como a abordagem sociocultural pode contribuir na Educação dos Surdos? Dentro dos principais aspectos apresentados, o presente trabalho tem por objetivo conhecer conceitos sobre a cultura Surda, de modo a compreender, a partir das leituras de Vygotsky e de seus comentadores, as contribuições para pensar o Surdo e a sua educação. Não se trata de discutir sobre os princípios e as medidas paliativas que envolvem a inclusão escolar, mas de pensar a Educação do Surdo e como ela acontece.

O corrente texto se estrutura em 05 partes: a) traça os caminhos metodológicos; b) apresenta uma abordagem conceitual da cultura Surda; c) realiza um retrospecto da Educação do Surdo no Brasil e mundo; d) discute as contribuições da teoria sociocultural para pensar o Surdo e a sua educação; e) trata das considerações finais.

Metodologia

⁵ Ver mais em: <https://blog.maxieduca.com.br/formacao-educacional-surdos/>

⁶ Encontra-se o nome do autor escrito em outros formatos como: Vigotski, Vygotsky e Vygotski. Neste texto adotou-se Vygotsky, no entanto manter-se-á a nomenclatura nas citações diretas.

A metodologia adotada para direção e desenvolvimento deste estudo pautou-se na técnica bibliográfica, com enfoque qualitativo. A investigação bibliográfica é entendida pela consulta em material já publicado, ou seja, de acordo com o pensamento de Gil (2008, p. 29) “[...] tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, periódicos, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. O mesmo autor clarifica que o único ponto que se distingue da pesquisa bibliográfica é a natureza das fontes.

Para a realização desta produção, adotou-se objetivos exploratórios, uma vez que se buscou obter uma “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41). Os dados foram analisados por análise de conteúdo (Bardin, 2011) que “[...] procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. [...] é uma busca de outras realidades por meio das mensagens” (Bardin, 2011, p. 50). Para a autora (2011), a maioria dos procedimentos dessa análise organizam-se em torno de categorias. As categorias são classes que reúnem unidades de registro, em razão das características comuns destes elementos. A autora destaca também que:

[...] em análise de conteúdo, a mensagem pode ser submetida a uma ou várias dimensões de análise. Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles (Bardin, 2011, p. 148).

Neste estudo, partiu-se de três categorias: a cultura Surda, a Educação dos Surdos e as contribuições da teoria sociocultural para pensar o Surdo e a sua educação. Assim, apoiou-se em Hall (1997), Perlin (1998), Skliar (1998), Silva (2000), Martins (2005), Strobel (2013), Castro Júnior (2015), Pinheiro (2015), entre outros que se ocupam com a temática para abordar a cultura Surda. Para refletir sobre a Educação dos Surdos orientou-se em Lane e Fischer (1993), Ciccone (1996), Soares (1999), Goldfeld (2002), Fernandes (2003), Strobel (2009), Duarte *et al.* (2013), Alves *et al.* (2015), Bentes e Hayashi (2016), Luchese (2017) e outros materiais e documentos que tratam do tema, tais como: Brasil (2002, 2005). Para identificar as contribuições da teoria sociocultural para pensar o Surdo e a sua educação baseia-se em Vygotsky (1995, 2004, 2007, 2010, 2011, 2016), Goldfeld (2002), Rodrigues e Pires (2002), Kapitaniuk (2011), Cunha e Giordan (2012), Oliveira (2015), Veras e Daxenberger (2017), Santos e Castaman (2019) e Araújo *et al.* ([2002]). Para tanto, passa-se às reflexões ancoradas em autores referências no que se relaciona ao estudo e a discussão acerca da Educação dos Surdos sobre a perspectiva sociocultural.

Cultura Surda: uma abordagem conceitual

Para Martins (2005) a cultura implica em uma luta por significados e poderes, o que torna possível a constituição de uma identidade. Hall (1997) infere que a cultura é entendida como um campo de produção de significados sobre as coisas ou as pessoas, rompendo com a ideia moderna de nivelamento social. Logo, “Os surdos, ao narrarem-se nessa perspectiva, estão produzindo significados sobre a sua cultura e dando força aos movimentos representativos do Surdo como diferença linguística, cultural e política” (Pinheiro, 2015, p. 187). Strobel (2013) apresenta uma definição sobre a cultura Surda:

Cultura Surda é o jeito de o sujeito Surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades Surdas e das “almas” das comunidades Surdas (Strobel, 2013, p. 30).

Esta denominação indica que a cultura abarca a língua, os pontos de vista, as crenças, os costumes e os hábitos do povo Surdo. Neste caso, o Surdo, em uma perspectiva cultural, desloca a visão segregacionista atrelada à educação desses sujeitos e compreende-os a partir de uma diferença cultural e linguística, o que sucumbe “com as práticas de regulação subjetivadas ao modelo ouvinte [...]” (Silva, 2000, p. 97) e corporifica o conceito de Skliar (1998) de desouvitivização, que remete à denúncia de práticas colonialistas dos ouvintes sobre os Surdos.

A ideia de uma cultura Surda cria-se, inicialmente, na confirmação de uma forma peculiar de compreender e expressar a realidade, especialmente, oportunizado pela experiência visual e pelo emprego de uma língua de modalidade viso-motora (visual-gestual) como configuradora do discurso (Eiji, [2021]). Possui como espaços privilegiados de reprodução as comunidades Surdas e, a cultura Surda atua com um conjunto de práticas e produções particulares que marcam um *lôcus* de reafirmação cultural, histórica, política e linguística, defendendo o potencial de vínculos e expressões identitárias entre os sujeitos que as compartilham (Eiji, [2021]).

A valorização da expressão cultura Surda, emerge em contexto conflituoso, de resistência às práticas e operações de normalização do sujeito Surdo. Se a tendência sócio-antropológica da surdez ampliou os entendimentos sobre o “ser Surdo” e as línguas de sinais, a confirmação da cultura Surda surge como uma força contra-hegemônica que resiste à

aculturação (colonização) audista⁷. Ao assumir esta postura também se posiciona politicamente na valorização das diferenças (EIJ, [2021]). Constitui-se também como um estabelecimento político que valoriza a oportunidade de realização humana que contempla a diferença, como declara Santos (2010, p. 45):

Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. E uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Diante do exposto, atualmente, vislumbra-se uma série de regulamentos e leis, um aumento significativo de organizações representativas, uma criação de artefatos e um reconhecimento da língua de sinais que legitimam a cultura Surda e possibilitam a constituição de identidades políticas e culturais dentro do contexto comunitário Surdo ou não. Castro Júnior (2015, p. 18-19) faz ponderações sobre a cultura Surda:

Nesse sentido, não se pode perder de vista que a cultura Surda não está definida somente pela conduta do grupo de Surdos, mas sim pelo reconhecimento dos valores, da língua, da linguagem, de todos os artefatos culturais que representam, verdadeiramente, a modalidade visual-espacial de comunicação do sujeito Surdo com seu contexto.

Perlin (1998) alude que o principal aspecto de influência da identidade Surda e da produção de sua cultura autônoma e plural é a língua de sinais, pois possibilita a comunicação e interação com o mundo por meio da modalidade visual-espacial.

Assim, o Surdo, quando explica e mostra as narrativas Surdas ou um profissional que ensina a Libras, quando se trata do tema Cultura Surda, procura fazer entender como se constitui uma linguagem, reconhecendo seu potencial na formação da identidade do indivíduo e do grupo, e enfatiza que é extremamente importante perceber a cultura como campo de forças subjetivas que se expressam através da linguagem, dos juízos de valor, da arte e das motivações, gerando a ordem do grupo, seus códigos próprios, suas formas de organização e de solidariedade (Castro Júnior, 2015, p. 20).

Amparada nestas considerações, as comunidades Surdas brasileiras batalham para que a Libras seja reconhecida e prestigiada pelos ouvintes. Skliar (1998) salienta que a comunidade

⁷ Para Lane (1995, p. 52), “Audismo é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade Surda”.

Surda constitui-se enquanto um complexo de relações e interligações sociais, que as diferenciam de outras comunidades, nas quais existe a possibilidade da comunicação oral. Para o autor, os Surdos precisam da língua de sinais e das experiências visuais para realizarem uma comunicação adequada com outras pessoas.

Os Surdos integram suas associações, utilizam espaço para convivência e compartilham histórias, línguas de sinais, experiências visuais, desenvolvimento linguístico, família, literatura Surda, vida social e esportiva, artes visuais, política, materiais e produções culturais. Desta forma, justifica-se que os Surdos não vivam isolados e incomunicáveis, e que sua luta seja constante pela valorização da sua cultura, língua, identidade e de seus membros e contra o ouvintismo/audismo, a desigualdade social e o preconceito (Strobel, 2013). Um dos principais movimentos dos Surdos diz respeito à sua educação, temática esta que se aborda na próxima seção.

Educação dos Surdos: considerações acerca da trajetória histórica no Brasil e Mundo

A Educação dos Surdos iniciou-se ainda na Antiguidade e na civilização egípcia. Contudo, neste artigo prioriza-se a escrita a partir da origem da Língua de Sinais Francesa (LSF), a qual se espalhou no mundo inteiro e, com esta medida, fundou-se a primeira escola pública para Surdos nomeada de “Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris”, por Charles-Michel de L'Épée, em 1760, em Paris, França. O professor Charles Michel de L'Épée é considerado o pai dos Surdos e marcou gerações de nações Surdas, porque usou o método da língua de sinais e gramática e publicou o primeiro dicionário com registro de sinais. A partir de seu método, muitos Surdos foram capacitados para serem docentes e fundar escolas para Surdos em diferentes países da Europa. Esta ação mobilizou a fundação de 21 instituições educacionais na Europa. Os melhores dos ex-estudantes Surdos da França trabalhavam e estudavam juntos com o abade, tendo conhecimento da gramática e das combinações da LSF (Lane; Fischer, 1993).

Nos Estados Unidos (EUA), a Educação dos Surdos iniciou na escola de Hartford, quando, em 1817, Hartford, Gallaudet e Clerc abriram as portas da *American School for the Deaf* (Duarte *et al.*, 2013). A Língua de Sinais Americana (ASL) foi idealizada pelo professor Thomas Hopkins Gallaudet, filho de Edward Miner Gallaudet que fundou a primeira universidade pública para Surdos, chamada *Gallaudet University*. O pai de Gallaudet buscou os métodos de ensino dos Surdos a partir de um professor francês Surdo chamado Laurent Clerc.

Este professor veio aos EUA para inaugurar a primeira escola para Surdos. A *Gallaudet University* é a única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para pessoas Surdas. Todos os professores Ouvintes e Surdos já eram usuários fluentes em ASL (Luchese, 2017).

A Educação dos Surdos iniciou no Brasil, em 1857, quando o professor francês Surdo Eduard Huet veio para o Rio de Janeiro a pedido do Imperador D. Pedro II. Dom Pedro II tinha grande interesse na Educação dos Surdos, pois tinha um neto Surdo, filho da princesa Isabel, que era casada com o conde D'Eu, parcialmente Surdo. Assim, criou o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)⁸ (Bentes; Hayashi, 2016) que permitiu a educação formal dos Surdos em uma instituição especializada para tal. Os Surdos brasileiros adaptaram o sistema da LSF à Libras e vislumbraram uma oportunidade de criar a Língua de Sinais dos Centros Urbanos (LSCB), utilizada nas capitais do Brasil (Strobel, 2009). Porém, Soares (1999, p. 115) enfatiza que:

A educação do Surdo foi a educação reservada àqueles que não frequentariam a escola, mas necessitariam de um tipo de ensino que visasse supri-lo naquilo que lhe faltava, no caso do Surdo, a mudez. Daí, todas as metodologias empregadas, quer tenham sido através de gestos, quer tenham sido através da escrita, ou da fala, preocuparam-se fundamentalmente com a mudez, ou seja, com a possibilidade de estabelecer formas de comunicação simples.

A citação de Soares (1999) reforça o comportamento que, por muito tempo, foi vivenciado pelo Surdo, porque em 1880, no Congresso de Milão, na Itália, os Surdos foram proibidos de usar a língua de sinais. Na Assembleia da votação houve briga entre dois países, Alemanha e França, em virtude da divergência frente à adoção de métodos: oralismo puro e Língua de Sinais (Strobel, 2009).

Na época, o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de Surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente com a alegação de que esta destruía a capacidade da fala dos Surdos e com a argumentação de que os Surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo o uso da língua de sinais. Alexander Graham Bell teve grande influência nesta votação (Strobel, 2009).

⁸ “INES foi fundado há 152 anos e a presença de narrativas ligadas à memória faz parte da cultura institucional. A marca de sua longa história é muito forte na instituição, embora, contraditoriamente, a atenção com a memória oral seja mais relevante do que com a memória escrita. Muito se perdeu de fontes documentais matérias, por diversas razões que não cabem aqui serem discutidas” (Rocha, 2010, p. 33, SIC).

Ressalta-se que este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por inúmeros especialistas ouvintes na área da surdez que defendiam o oralismo puro. Na ocasião da votação, foi negado o direito de votar por parte dos professores Surdos, sendo estes excluídos. Dos 164 representantes presentes ouvintes, somente cinco dos EUA votaram contra o oralismo puro (Strobel, 2009). Os impactos do Congresso de Milão foram terríveis à comunidade Surda em todo o mundo, especialmente, porque as crianças Surdas foram obrigadas a empregar e falar o método oralismo (Strobel, 2009).

Para Ciccone (1996), a comunicação total por quaisquer estratégias educacionais, chegou, no Brasil, por volta dos anos de 1970, sendo alvo de muitas críticas. Por meio desse método de ensino o aluno Surdo tem a possibilidade de escolher os recursos para executar a sua comunicação: língua de sinais, gesto, mímica, leitura-escrita, fala e leitura labial.

Salienta-se que, no Brasil, as meninas Surdas só tiveram direito à educação no início do século XX quando surgiu o Instituto Santa Terezinha, em São Paulo (Alves *et al.*, 2015). A perspectiva da Educação dos Surdos no Instituto Santa Terezinha tem se organizado enquanto filosofia bilíngue, e tem como objetivo principal o desenvolvimento cognitivo linguístico, com acesso às duas línguas: a língua de sinais e o português escrito. No bilinguismo, inicialmente os Surdos adquirem a Língua de Sinais e depois aprendem o Português na modalidade escrita (IST, [2021]). Fernandes (2003) apresenta uma concepção de bilinguismo:

Bilinguismo é mais do que o domínio puro e simples de uma outra língua como mero instrumento de comunicação. E neste sentido, apenas os integrantes dessa comunidade, como surdos, podem contribuir, de modo efetivo, para a educação de crianças surdas (Fernandes, 2003, p. 55).

A perspectiva da formação bilíngue assumida pelo Instituto Santa Terezinha, no Brasil, também foi admitida em outros lugares no mundo e tem contribuído para o melhor desempenho escolar dos Surdos, conforme consta no excerto de Goldfeld (2002):

Atualmente, vários pesquisadores na Rússia, como Zaitseva, que iniciou um projeto de educação bilíngue em 1991, e no resto do mundo, como Arnold nos EUA, seguem as ideias de Vygotsky e trabalham em direção à educação bilíngue para crianças surdas (Goldfeld, 2002, p. 86)

Assim, a partir da Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) se reconhece o *status* linguístico da Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil. A Libras abarca um sistema linguístico de natureza visual-motora com estrutura gramatical própria, que facilita a

transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas Surdas. Já o Decreto nº 5626 (Brasil, 2005), estabelece que os alunos Surdos devem ter uma educação bilíngue, sendo Libras a primeira e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, a segunda. Estes são alguns dos regulamentos oficiais que, mesmo como medidas, talvez paliativas, visam ao desenvolvimento das potencialidades da pessoa Surda, por meio de sua língua mãe: Libras. Além da efetivação e do cumprimento de uma legislação e do comprometimento dos envolvidos, na próxima seção discute-se como a teoria sociocultural pode contribuir para pensar a Educação dos Surdos.

Teoria sociocultural: contribuições para pensar o Surdo e a sua educação

Lev Semionovich Vygotsky é conhecido como um pensador interacionista que fundou a teoria sociocultural. Esta concepção “[...] considerou a relação entre dois processos: a cultura e o biológico, afirmando que o homem constitui-se em sua relação com o outro e o meio, absorvendo conceitos e crenças próprios da cultura e tempo histórico em que está inserido” (Santos; Castaman, 2019, p. 85). Para Oliveira (2015), Vygotsky destacou em seus estudos o desenvolvimento do ser humano por meio do contato social, enfatizando o papel da cultura e da linguagem enquanto axiomas do processo de socialização do indivíduo.

Vale salientar, que o contexto não será apenas um mero fator, deverá haver uma interação dialética entre o homem e o mundo, deve-se levar em conta as relações entre o sujeito, o uso de artefatos – assim como a interação mediada por instrumentos entre o homem e o mundo - e recursos simbólicos. Portanto, os sentidos serão produzidos dentro de um contexto histórico, com a visão de homem como um sujeito único, complexo e integral. Este sujeito tem suas características, mudanças históricas, psíquicas e materiais e estão associadas à sociedade em que vive (Veras; Daxenberger, 2017, S.P.).

Oliveira (2015) distingue que a teoria sócio-histórica estruturou metodologicamente o desenvolvimento do ser humano em quatro campos, sendo: a) filogenético remete ao biológico de um cérebro que o sistema nervoso simples contava com células especializadas capazes de transmitir mensagens elétricas; b) ontogenético é o conhecimento como um processo de modificação e adaptação a partir do nascimento à morte; c) sociogênese compreende o sujeito do mundo cultural; d) microgênese é o fenômeno psicológico que tem sua própria história e experiência (Oliveira, 2015).

Assim, segundo Vygotsky (1995), a aprendizagem ocorre antes do desenvolvimento e há a necessidade do outro como mediador cultural do desenvolvimento. Para explicar este

processo Vygotsky apresenta o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que significa:

Distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 2007, p. 97).

O desenvolvimento cognitivo da pessoa se estabelece por meio da interação social, ou seja, da sua interação com outros indivíduos e com o meio. A interação entre os indivíduos oportuniza a produção de novas experiências e a construção do conhecimento.

Desde os primeiros dias de desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigida a objetos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (Vygotsky, 2016, p. 40).

A Teoria Sociocultural de Vygotsky, na qual podemos encontrar um pensamento inteiramente ligado à cultura em que o indivíduo estrutura o seu sistema simbólico de representação da realidade. É por meio de um universo de percepções e significações que o indivíduo constrói e interpreta o mundo. O que ocorre são trocas estabelecidas entre os membros de uma determinada cultura e, num processo de constante interação recíproca, reinterpreta e ressignifica informações e conceitos. Vygotsky ao referir a cultura está fazendo-o no sentido de um grupo cultural, em que o indivíduo participa de um ambiente estruturado no qual todos os elementos estão carregados por algum significado (Cunha; Giordan, 2012, p. 114).

Logo, a aprendizagem é uma experiência social, mediada pela interação entre a linguagem e a ação. Neste caso, se a linguagem tem relevante papel na aprendizagem, como reflete no desenvolvimento do sujeito Surdo? A Teoria Sociocultural de Vygotsky⁹ trabalhou e pesquisou todas as áreas de deficiência, incluindo a surdez. O autor (2010) apresenta o conceito de compensação para indicar que o problema da deficiência não é biológico ou orgânico, mas social e cultural. Indica a necessidade de compensar a deficiência superando as limitações a partir de instrumentos e recursos. Para o autor (2011), as formas culturais de comportamento são os únicos caminhos para a educação da criança com deficiência.

⁹ Reforça-se que o autor ao longo de suas produções assume diferentes posicionamentos em relação à Educação dos Surdos. Assim, baseia-se em suas últimas postulações.

Ainda, Goldfeld (2002) e Rodrigues e Pires (2002) expõem que é a linguagem que possibilita o avanço sensorial nas pessoas Surdas e é também neste ponto que está mais presente a dificuldade dos mesmos, principalmente, porque as línguas auditivas-orais são utilizadas pela maioria das comunidades. Contudo, nem sempre foi assim. Goldfeld (2002) salienta que no início do desenvolvimento da espécie humana, a comunicação era realizada por gestos. Para a autora, diversos autores e pesquisadores escrevem em relação à qualidade comunicativa e constituição do pensamento, destacando que as mãos (e todo o esquema corporal) podem realizar com perfeição o mesmo papel que o sistema fonador, por meio das línguas de sinais. Os Surdos têm um canal (viso-manual) tão competente quanto o auditivo-oral para comunicar-se.

Os cegos e os surdos-mudos¹⁰ são como um experimento natural que demonstra que o desenvolvimento cultural do comportamento não se relaciona, necessariamente, com essa ou aquela função orgânica. A fala não está obrigatoriamente ligada ao aparelho fonador; ela pode ser realizada em outro sistema de signos, assim como a escrita pode ser transferida do caminho visual para o tátil... Nós nos acostumamos com a ideia de que o homem lê com os olhos e fala com a boca, e somente o grande experimento cultural que mostrou ser possível ler com os dedos e falar com as mãos revela-nos toda a convencionalidade e a mobilidade das formas culturais de comportamento. Psicologicamente, essas formas de educação conseguem superar o mais importante, ou seja, a educação consegue incutir na criança surda-muda e na cega a fala e a escrita no sentido próprio dessas palavras (Vygotsky, 2011, p. 868).

Neste contexto, para que ocorra o desenvolvimento da pessoa Surda é necessário, a percepção e a atenção visual. Vygotsky (2007) afirma que o desenvolvimento, a linguagem e a percepção estão atreladas. Logo, “A percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância” (Vygotsky, 2007, p. 44).

Em relação à percepção a ênfase está nos processos de utilização das funções superiores do pensamento (produtos da atividade cerebral, porém resultados da interação do indivíduo com o mundo de forma mediada), mediado pela representação simbólica e sociocultural. Desta forma, quando se percebe insígnias do mundo real relaciona-se estas às informações que estão

¹⁰ A terminologia surdo-mudo não está mais sendo utilizada, já que a comunidade Surda passou a se comunicar por sua língua. Contudo, manter-se-á a designação nas citações diretas.

presentes no aparato psicológico (Cunha; Giordan, 2012). Os autores reforçam este entendimento:

As funções psicológicas superiores: sensação, percepção, atenção, memória, pensamento e linguagem e imaginação não se desenvolvem umas ao lado das outras, mas formam um sistema hierárquico no qual a função primordial é o desenvolvimento do pensamento e a formação dos conceitos. A síntese destas funções psicológicas superiores permite observar processos dos reflexos mais simples até a formação de abstrações no pensamento e na linguagem. Para Vygotsky (2000), com o desenvolvimento do significado da palavra, os sistemas fundamentais das funções psicológicas superiores também se desenvolvem, pois o que é central para toda a estrutura da consciência e para todo o sistema de atividade das funções psíquicas é o desenvolvimento do pensamento (Cunha; Giordan, 2012, p. 116).

Kapitaniuk (2011), ao interpretar os textos de Saussure apresenta que a criança Surda busca pela informação visual, pelas percepções visuais, pela linguagem mental e pelo desenvolvimento intelectual, representações no campo da semiótica imagética. O desenvolvimento cognitivo da criança Surda tem toda a potencialidade ótica de captar a visualidade compreendida na Libras e nos tipos de signos que atravessam esse campo (Kapitaniuk, 2011).

Araújo *et al.* ([2002]), apresentam em seus escritos que para Vygotsky a criança Surda tem seu desenvolvimento apoiado na visão. A maior sensibilidade visual justifica-se pelo fato dos olhos serem mais solicitados, tendo um modo de desenvolvimento característico. Vygotsky (2011) reforça que se ensina o Surdo a entender a língua falada a partir da leitura dos lábios do falante. Desta forma, o Surdo aprende a língua oral pelos métodos que utilizam o tato, a imitação de sinais e as sensações de vibrações e movimentos.

Para Araújo *et al.* ([2002]), a proposta de Vygotsky foca na utilidade da aplicação da Libras para a colaboração do pleno desenvolvimento linguístico da pessoa Surda. Ao mesmo tempo, pode-se pensar estes estudos sendo ampliados à abordagem bilíngue, tendo como língua majoritária a Língua de Sinais, naquilo que Vygotsky (2010) chamou de poliglossia. A poliglossia pauta-se na utilização de múltiplos recursos para que o Surdo tenha acesso à linguagem, como a mímica, conforme discutido anteriormente.

O desenvolvimento cognitivo da criança Surda e da aquisição da Libras ocorre por meio da visualidade. A assimilação permite parte do pensamento em imagens e a outra em significações. Segundo Vygotsky (2004), implica em captar empiricamente a ideia de uma “percepção clara” e determinar uma estrutura para percepção em si, pois esta afirma novas

relações com outras funções e a elas se combinam, construindo um novo sistema. As percepções são processos mentais que fazem parte da formação do pensamento humano (Cunha; Giordan, 2012).

Por fim, ressalta-se que as duas críticas de Vygotsky (2010) demonstram o método de oralidade e o método de Língua de Sinais em relação à opinião do autor. Em "A coletividade como fator de desenvolvimento da criança deficiente", de 1931, argumenta que a criança Surda aprende a pronunciar as palavras, mas não a falar e a servir-se da linguagem para a comunicação e o desenvolvimento. Dessa forma, passa a acreditar que a 'mímica' é a verdadeira língua do Surdo (Araújo *et al.*, [2002])

Para Vygotsky (2010), é por meio da gestualidade que a criança Surda pode constituir seu pensamento e assimilar uma série de informações e princípios. Araújo *et al.* ([2002]) questionam a inclusão de Surdos na escola normal, afirmando que é necessário orientar-se em caminhos que aproximem às metas inclusivas para o desenvolvimento geral da criança Surda. Acreditam que o direcionamento para uma solução radical é tortuoso e longo. Contudo, entende-se que a escola pode ser um espaço fértil para a construção da identidade Surda e de suas potencialidades, especialmente, pelas interações que nela se permitem.

Considerações Finais

Os referenciais estudados e defendidos neste texto apresentaram relevantes contribuições acerca da cultura e da Educação dos Surdos, bem como das reflexões da teoria sociocultural para o desenvolvimento da pessoa Surda. Verificou-se que as concepções e os conceitos em relação a pessoa Surda passaram por alterações de um modelo biomédico para aquele que o considera com uma cultura e língua própria e particular, no caso brasileiro a Libras.

A Libras permite a interação do Surdo com o social e reforça a natureza específica da condição do que Vygotsky indica para a construção da aprendizagem e do desenvolvimento da pessoa Surda. Constatou-se que a linguagem é uma das principais formas de mediação e compreensão do/com o meio, promulgando assim o crescimento cognitivo e afetivo, a otimização das relações interpessoais e a constituição da identidade e cultura Surda. Assim, os movimentos dos Surdos ancoram-se para além de uma garantia em leis da pluralidade e de que a Libras seja a língua oficial para a sua educação, mas que a sociedade ouvinte aceite, respeite e conheça para poder dialogar.

Ao longo dos anos, os Surdos foram marginalizados e excluídos da sociedade, sua história é permeada de dificuldades, preconceitos, rejeição, negação. Uma das tantas batalhas da comunidade Surda visa a destruição das barreiras de comunicação e o reconhecimento da identidade Surda. A legitimação da Libras foi fundamental para as novas perspectivas de educação. Os Surdos não são responsáveis pelas barreiras linguísticas, mas são comunidades minoritárias. É necessário desta forma, compreender os conceitos sobre o Surdo. A linguagem dos Surdos ocorre pelo idioma visual, ou seja, a língua de sinais. Para comunidade surda, uma das lutas mais significativas é o reconhecimento da Libras por parte dos ouvintes, que o grupo majoritário aprenda a se comunicar com os Surdos e não o contrário. A independência do Surdo se dá pela linguagem.

Outrossim, compreende-se que este texto apresentou uma síntese teórica das reflexões realizadas em materiais específicos selecionados. Assevera-se que é um dos tantos caminhos que poderiam ser percorridos para a discussão da temática em cena. Desta forma, além das problematizações elencadas neste estudo, as quais consideram-se inacabadas, recomendam-se outras investigações para aprofundamento do tema, dos desafios e das perspectivas da Educação do Surdo na perspectiva sociocultural.

Referências

ALVES, Francislene Cerqueira *et al.* Educação de Surdos em nível superior: desafios vivenciados no espaço acadêmico. In: ALMEIDA, Wolny Gomes (Org). **Educação de surdos: formação, estratégia e prática docente**. Ilhéus, Editus, 2015. Cap. 2, p. 27-48.

ARAÚJO, Ana Carolina F. *et al.* **Vygotsky**: uma abordagem sobre surdez. [2002] Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/ep127/surdez.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Alamedina, 2011.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, V. 21, n. 67, Oct./Dec. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000400851>. Acesso em: 27 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26 fev. 2021.

CASTRO JUNIOR, Gláucio de. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito Surdo. In: ALMEIDA, Wolney Gomes. **Educação de surdos:** formação, estratégica e prática docente. Ilhéus, BA: Editus, 2015, p. 11-26.

CICCONE, Marta. **Comunicação total:** introdução, estratégias a pessoa surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

CUNHA, Marcia Borin da; GIORDAN, Marcelo. As Percepções na Teoria Sociocultural de Vygotsky: Uma análise na escola. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 5, n.1, p. 113-125, maio 2012. Disponível em: http://www.lapeq.fe.usp.br/textos/ec/ecpdf/cunha_giordan-alexandria-2012.pdf. Acesso em: 3 dez. 2020.

DUARTE, Soraya Bianca Reis *et al.* Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, Oct./Dec. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000401713. Acesso em: 27 fev. 2021.

ESTUDO EXPLICA POR QUE SURDOS TÊM MAIOR VISÃO PERIFÉRICA. **Veja**, 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/estudo-explica-por-que-surdos-tem-maior-visao-periferica/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

EIJI, Hugo. **Cultura Surda**. [2021]. Disponível em: <https://culturasurda.net/cultura-surda-3/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

FERNANDES, Eulalia. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 25 fev. 2021.

INSTITUTO SANTA TEREZINHA - IST. **Sobre nós.** [2021] Disponível em:
<<https://www.institutosantateresinha.org.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

KAPITANIUK, Rosemeri Bernieri de Souza. Cognição, cultura e funções sógnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v.16, n. 2, Jan./ago. 2011. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212011000200005>. Acesso em: 27 fev. 2021.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**. A comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1995.

LANE, Harlan; FISCHER, Renate (Orgs.) **Looking back**. A reader on the history of deaf communities and their sign languages. Hamburgo: Signum Press, 1993.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUCHESI, Anderson. **Políticas e a educação de surdos no Brasil**. Indaial: Uniasselvi, 2017.

MACHADO, Paulo César. **A política de integração/inclusão e a aprendizagem dos surdos: um olhar do egresso surdo sobre a escola regular**. 2002. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia) - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis, 2002. Disponível em:
<https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/d/dc/A_politica_integracao_inclusao_dissert.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MARTINS, Emerson. **Cultura surda, educação e novas tecnologias em Santa Catarina**. 2005. 204f. (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102705>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

OLIVEIRA, Joan Rios de. Desenvolvimento psicológico: as contribuições de Piaget e Vygotsky para pessoas com necessidades educacionais especiais. In: SANTOS, Geandra Cláudia Silva, RIBEIRO, Renata Rosa Russo Pinheiro Costa, SAMPAIO, Rosa Maria Goes, PINTO, Soraia Eli Lyra (Orgs.). **Inclusão: saberes, reflexões e possibilidades de uma prática em construção**. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 41-65.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PINHEIRO, Daiane. Cultura surda em uma região amazônica: a diferença narrada pelos surdos. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 5, n. 2, p. 183-193, jul./dez., 2015. Disponível em:
<<https://www.redalyc.org/pdf/5531/553156344013.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história: a indagação de Esmeralda**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010.

RODRIGUES, Ana Felipa; PIRES, António. Surdez infantil e comportamento parental. **Análise Psicológica**, v. 20, n. 3, p. 389-400, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312002000300013&lng=pt&nrm=iso#:~:text=A%20maior%20preocupa%C3%A7%C3%A3o%20destes%20pais,central%20na%20vida%20destes%20pais>. Acesso em: 26 fev. 2021

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

SANTOS, Danielle Fernandes Amaro dos; CASTAMAN, Ana Sara. Abordagem sociocultural: análise de um projeto político pedagógico de uma escola pública. **Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 39, p. 84-91, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Bragança Paulista: Edusf, 1999.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, Licenciatura em Letras Libras na modalidade a distância. 2009. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

VERAS, Daniele Siqueira; DAXENBERGER, Ana Cristina Silva. Um olhar sobre as contribuições de Lev Vigotski à educação de surdos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/684/68460124006/html/index.html>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Obras escogidas (vol. III)**. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A construção do Pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, jan./dez. 2011.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: WMF, 2016.